

CAPÍTULO I

O RITUAL DA MISSA DE QUARTA-FEIRA DE CINZAS

1. Histórico

A história da liturgia cristã nos primeiros séculos de sua existência é obscura, e entre os pesquisadores que a ela se dedicam, há grande controvérsia¹. Os documentos que sobreviveram sobre o culto cristão nos cinco primeiros séculos são raros e fragmentados e nenhum livro de preces judaico, anterior ao século IX, chegou até nós. No entanto, a partir do século VI, alguns traços comuns dos dois cultos podem ser observados : a leitura de textos do antigo testamento e a prece eucarística (prece de agradecimento).²

A Missa, considerada a mais importante das práticas litúrgicas cristãs, tem uma história incerta e complexa, misturando-se no passado com as antigas práticas judaicas. A substituição do modelo judaico pelo cristão é marcado pela introdução da celebração realizada por Cristo na última ceia (façam isso em minha memória).³ A distribuição do pão e do vinho entre os fiéis relembrando a presença do filho de Deus entre os homens é, ainda hoje, o momento mais importante deste ritual.

A estrutura da Missa resulta da fusão das antigas práticas de leituras de textos da Bíblia e da prece eucarística, com o ritual da bênção e da distribuição do pão e do vinho. No entanto, a estruturação de todos estes elementos da Missa, até chegarmos à forma como é praticada atualmente na Igreja Cristã Ocidental, se estendeu ao longo de todo o primeiro milênio cristão.⁴

A evolução da estrutura da Missa ocorreu em diversas etapas. Logo após a morte de Cristo até a metade do primeiro milênio, temos o Período Formativo, influenciado pelos centros em torno do Mediterrâneo: Jerusalém, Antioch, Constantinopla e Roma. Em seguida, com a expansão do

¹Utilizamos três fontes principais para esta pesquisa: *The Forms and Orders of Western Liturgy from the Tenth to the Eighteenth Century - A Historical Introduction and Guide for Students and Musicians* de John Harper, *Gregorian Chant* de Willi Apel e *Música Sacra* de Thomas Lynch Cullen. Esta seleção deve-se ao fato destes livros serem estudos que interrelacionam ritual litúrgico e música.

²HARPER, *The Forms and Orders of Western Liturgy from the Tenth to the Eighteenth Century* p.17

³op. cit. p.19

⁴op. cit. p.19

cristianismo, outras práticas regionais foram desenvolvidas na Europa Ocidental, estabelecendo novos modelos: Ambrosiano, Beneventano, Céltico, Galicano, Mozarábico, Romano (conhecido como Romano Antigo), que emergiram a partir do século IV, junto com os monastérios. A primeira tentativa de impor um padrão unificado de organização eclesial com bases na prática Romana, foi realizada pelo imperador Carlos Magno, durante os séculos VIII e IX. Magno legitimou o chamado Ritual Franco-Romano ou Ritual Medieval, que se tornou dominante em toda a Europa Ocidental nos séculos seguintes. No século XII, uma das correntes do Ritual Medieval evoluiu para atender as necessidades da Capela do Papa, em Roma, chegando-se ao modelo "Medieval Romano Tardio". A expansão deste modelo "Medieval Romano Tardio" por toda Europa deve-se, principalmente, ao trabalho desenvolvido pelos freis do século XIII em diante.⁵

No Concílio de Trento, realizado em meados do século XVI (1545-63), todos os parâmetros da liturgia cristã (incluindo textos e música) foram revistos. Com base no "Modelo Romano Tardio", criou-se uma forma normativa e autorizada internacionalmente, que passou a ser o ritual Tridentino.⁶ Este ritual Tridentino ficou em vigor até a primeira metade do século XX, quando seus elementos foram revistos por um movimento litúrgico moderno, institucionalizado pelo Segundo Concílio do Vaticano (1962-65).⁷

As diretrizes estabelecidas pelo Papa de Roma, resultantes das longas sessões do Concílio de Trento, levaram a uma nova autoridade na Igreja Católica, provocando uma estabilidade interna. Uma espiritualidade revigorada é atestada com o surgimento de um movimento missionário e de iniciativa educacional da Ordem dos Jesuítas - Sociedade de Jesus, fundada por Santo Ignácio de Loyola (*1491/5 †1556) e pela criação de confrarias e congregações, inspiradas por São Felipe Neri (*1515 †1595)⁸. Estes movimentos encontram-se fortemente representados em Portugal, que aderiu integralmente às regras e aos princípios da Igreja Romana:

⁵HARPER, op. cit. p.11

⁶op. cit. p.12

⁷op. cit. p.12

⁸op. cit. p.22

Portugal participou activamente no Concílio de Trento, com destaque para a intervenção de Fr. Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga, e em 1564 seríamos o único país católico em que as decisões do Concílio seriam promulgadas integralmente com força da Lei. A acção repressiva da Inquisição, a produção ideológica e o esforço pedagógico dos Jesuítas, e o *corpus* normativo decorrente da legislação tridentina moldam, assim, uma nova ordem cultural em que a Música se virá a integrar mais facilmente quanto se lhe reconhece, na melhor tradição platónica e augustiniana, um potencial efeito ético e formativo insubstituível sobre a mente humana individual e colectiva.⁹

Como consequência, o Brasil colônia, em sua relação direta com Portugal, transfere todos esses modelos para as práticas rituais e musicais cristãs aqui realizadas. Os textos musicados por Emerico Lobo de Mesquita em sua **Missa a 4 vozes para Quarta-Feira de Cinzas com Violoncelo obligado e órgão**, coincidem com os textos propostos para o ritual desta data, presentes nas fontes analisadas: Graduale Triplex editado em 1979, Missale Monasticum editado em 1775, Missel Quotidien et Vespéral editado em 1955 e o Paroissien Romain (que corresponde ao Liber Usualis) editado em 1948. A concordância entre os textos presentes nas fontes citadas e os textos utilizados por Emerico nos levam a crer que a unidade para a liturgia cristã, proposta no Concílio de Trento, também era respeitada nas Minas Gerais do século XVIII.

2. O ano litúrgico e a quarta-feira de cinzas

O ano litúrgico da Igreja Cristã Romana é um ciclo anual de períodos e dias, organizado para relembrar o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo e reafirmar as virtudes do Filho de Deus, presente na vida dos Santos¹⁰. O princípio que estabelece este calendário é conhecido como Próprio do Tempo (*Proprium de Tempore, Temporale*), e refere-se ao Tempo do Senhor, incluindo todos os Domingos do ano e comemorando os eventos da Sua vida.¹¹. A ordem dos períodos Próprios do Tempo é sempre a mesma¹²:

"Preparação para a vinda de Cristo	Advento
O NASCIMENTO DE CRISTO	NATAL
A revelação aos Gentios	Epifania

⁹NERY, História da Música p.47

¹⁰BENTON, The New Encyclopaedia Britannica - Macropaedia volume 4 p.600

¹¹APEL, Gregorian Chant p.6 e 7

¹²HARPER, op. cit. p.49

Os quarenta dias no deserto	Quaresma
A entrada em Jerusalém	Domingo de Ramos
A última ceia	Quinta-feira Santa
A crucificação de Cristo	Sexta-feira da Paixão
A RESSURREIÇÃO DE CRISTO	PÁSCOA
A ascensão de Cristo	Dia da ascensão
A entrega do Espírito Santo	Pentecostes"

Os pontos mais importantes no ciclo dos períodos são o Nascimento e a Ressurreição de Cristo. As datas para a comemoração desses dois eventos são estabelecidas de modos distintos. O Nascimento (Natal) cai em uma data fixa, dia 25 de dezembro, e permuta o dia da semana a cada ano. A Ressurreição (Páscoa), por outro lado, cai sempre no mesmo dia da semana, domingo, mas a sua data muda de acordo com as fases da lua. A Páscoa é estabelecida no Primeiro Domingo depois da lua cheia que segue o Equinócio da Primavera (no Hemisfério Norte), dia 21 de março. O Equinócio é o dia do ano em que a duração do dia é exatamente igual a duração da noite.

A tradição de fixar a Páscoa de acordo com o calendário lunar segue uma antiga prática judaica, que fixava a comemoração da Passagem do seu povo de volta do Egito pelo deserto, na primeira lua cheia do Equinócio, junto com os festivais de agricultura. Esta festa era relacionada ao período das chuvas¹³ e, provavelmente, ao período de maior fartura. A partir do Concílio de Niceia, em 325 ¹⁴, a Igreja Cristã transferiu a sua comemoração da Páscoa para o primeiro domingo depois desta lua cheia do Equinócio.

As duas comemorações principais da Igreja Cristã, Natal e Páscoa, são precedidos por períodos de penitência: Advento e Quaresma. O Advento constitui um período de preparação para a vinda de Cristo. Conta-se o primeiro domingo do Advento a partir do quarto domingo antes do Natal "Todos os livros litúrgicos, *Gradual, Antiphonal, Breviário, Liber usualis*, etc., abrem seus cantos ou preces com o Primeiro Domingo do Advento"¹⁵, correspondendo assim, ao início do Ano da Igreja.

¹³BENTON, op. cit. volume 4 p.601

¹⁴op. cit. volume 6 p.148

¹⁵APEL, op. cit. p.6 e 7

O segundo período de penitência começava, a princípio, no domingo Quadragésima (aproximadamente 40 dias antes da Páscoa). No entanto, como o domingo nunca era um dia de jejum, a Igreja Romana estabeleceu, desde o final do século V, 40 dias precisos de jejum, seguindo os exemplos de 40 dias no deserto de Moisés, Elias e Jesus Cristo¹⁶. A Quaresma, desde então, começa na Quarta-Feira anterior ao Domingo Quadragésima, correspondendo a **Quarta-Feira de Cinzas**.

No século IX o período de preparação para a Páscoa foi estendido para o domingo Septuagésima¹⁷, seguido dos domingos Sexagésima e Quinquagésima - correspondendo aproximadamente a 70, 60 e 50 dias antes da Páscoa. Mesmo assim, o período mais importante da penitência continuava sendo a Quaresma, marcado "por mudanças litúrgicas na Quarta-Feira de Cinzas (início da Quaresma), no Domingo da Paixão (início da Paixão), no Domingo de Ramos (início da Semana Santa) e Quinta-Feira Santa (início do *Tridum*), terminando com o canto do *alleluia* na Vigília de Páscoa."¹⁸

3. Significados e funções da Quaresma e da Quarta-Feira de Cinzas

A fixação da Quaresma a partir da intercessão dos calendários lunar e solar dão indícios de que os significados e rituais estabelecidos pela Igreja Cristã para este período, tem influências remotas. Antigas culturas já organizavam o tempo a partir destes dois ritmos cósmicos que, segundo Eliade, tem como função a "reintegração [do homem] na unidade primordial, indiferenciada e ainda não fragmentada pelo acto da criação cósmica, o que se traduz por uma transcendência do cosmos"¹⁹. O ser humano cria, desde o seu passado mais primitivo, períodos de tempo com significados sacros, reforçados por práticas e regras ritualísticas.

Estes são tempos em que ele [o homem] dá atenção consciente aos mistérios das forças que o cercam e o envolvem e a todas as criaturas viventes nos ciclos naturais e inexoráveis de: luz e escuridão; trabalho e descanso; e nascimento, crescimento, decadência e morte. Dois ciclos inter-relacionados tem uma importância primária na formação dos calendários religiosos. Um é cósmico: as fases da lua e dos equinócios solares. O outro são a sucessão periódica das estações da natureza que determinam

¹⁶BENTON, op. cit. volume 4 p.604

¹⁷APEL, op cit. p.104

¹⁸HARPER, op. cit. p.51

¹⁹ELIADE, Tratado de História das Religiões p.222

tempos de plantio e colheita. Ambos os ciclos falam ao homem do mistério do nascimento, morte, e renascimento e de sua dependência na fecundidade da vida dada a ele na criação natural.²⁰

O calendário lunar, utilizado pelos judeus, está ancestralmente relacionado à vida nômade dos Hebreus²¹ e possui, em diversas culturas, significados importantes que vão além da medida de tempo. Eliade nos fala de uma mística lunar que está presente em religiões de diversos povos primitivos:

A Lua... é um astro que cresce, decresce e desaparece, um astro cuja vida está submetida à lei universal do devir, do nascimento e da morte. Como o homem, a Lua tem uma "história" patética, porque a sua decrepitude, como a daquele, termina na morte. Durante três noites o céu estrelado fica sem Lua. Mas esta "morte" é seguida de um renascimento: a "lua nova". O desaparecimento da Lua na obscuridade, na "morte", nunca é definitivo... Ela renasce da própria substância, em virtude do seu próprio destino²²... Grande número de mitos falam da "mensagem transmitida pela Lua por intermédio de um animal e na qual ela assegura que "tal como eu morro e ressuscito, assim tu morrerás e voltarás à vida"...[Estes mitos justificam] tanto o fato concreto da morte do homem como as cerimônias de iniciação.²³

Relacionando narrativas de diversas religiões com a prática cristã, Eliade ainda afirma que:

As fases da Lua constituem um bom exemplo da crença numa ressurreição, mesmo no quadro da apologética cristã. "*Luna per omnes menses nascitur, crescit, perficitur, minuitur, consumitur, innovatur* [a lua todos os meses, nasce, cresce, chega a plenitude, diminui, consome-se e se renova] - escreve Santo Agostinho. - *Quod in luna per menses, hoc in resurrectione semel in toto tempore* [O que acontece com a lua a cada mês, na Ressurreição, acontece uma só vez em todo o tempo]". É, pois, fácil compreender o papel da Lua nas cerimônias de iniciação, que consistem precisamente em experimentar uma morte ritual seguida de um "renascimento" e pelas quais o iniciado reintegra a sua verdadeira personalidade de "homem novo"... "Há similitude evidente entre a morte e a iniciação. "É por isso - diz Plutarco - que há uma tão estreita analogia entre os termos gregos que significam morrer e iniciar". Se a iniciação mística se adquire por uma morte ritual, também a pode ser assimilada por uma iniciação.²⁴

A função da Quaresma era, no começo da Igreja Cristã, preparar candidatos para o Batismo na Vigília Pascal. Através de rituais iniciáticos, estes candidatos recebiam uma instrução intensiva, seguida de seções de prece e exorcismo. No final deste período todos os fiéis se reuniam nas catacumbas em um jejum, que terminava na Páscoa ²⁵.

²⁰BENTON, op. cit. volume 4 p.600

²¹BENTON, op. cit. volume 4 p.600

²²ELIADE, op. cit p.195

²³op. cit. p.217

²⁴op. cit. p.217 a 219

²⁵BENTON, op. cit. volume 4 p.604

Na Idade Média, os pecadores graves eram excluídos da comunhão durante o período da Quaresma e preparados para a sua restauração. Como sinal público de sua penitência, estes pecadores usavam roupas de tecido de saco e eram cobertos de cinzas²⁶. Estas práticas seguiam antigas formas do culto de Israel onde:

O povo procura se pôr sob a proteção de Javé para afugentar um perigo ou uma calamidade, considerados, frequentemente, como castigo pelos pecados cometidos. Esta vontade se exprimia em gestos diversos: o povo jejuava, rasgava as vestes ou se revestia de saco, cobria a cabeça com pó ou cinza, prostrava-se por terra, chorava diante de Javé com gemidos e lamentos; depois, geralmente, todos se sentavam em silêncio e em jejum. Estas práticas, tomada da liturgia fúnebre, eram acompanhadas por palavras, com as quais se reconhecia a própria e total dependência de Javé e se remetia inteiramente a ele. Geralmente, havia também (e isso sobretudo depois do exílio) uma confissão coletiva dos pecados, feita pelo povo ou pelo seu representante, em que se reconheciam culpados e imploravam o perdão divino.²⁷

Inúmeras citações presentes na Bíblia exemplificam o castigo auto-imposto na busca de um reconhecimento perante o poder Divino:

(Jeremias 6, 26) Filha de meu povo, veste-te de saco, revolve-te no pó, lamenta-te como por um filho único; uma lamentação amarga, porque, de repente, chega sobre nós o devastador.

(Jonas 3, 6) A notícia chegou ao rei de Nínive. Ele levantou-se do seu trono, tirou seu manto, cingiu-se com um pano de saco e assentou-se sobre a cinza.

(Mateus 11, 21) Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque se em Tiro e em Sidônia tivessem sido realizados os milagres que em vós se realizaram, há muito se teriam arrependido, vestindo-se de cilício e cobrindo-se de cinza.

A penitência pública vai perdendo lugar no século IX e o Papa Urbano II (1088-1099) prescreve no Concílio de Benevento a Imposição das Cinzas a todos os fiéis²⁸ no primeiro dia da Quaresma, desde então com o nome de **Quarta-Feira de Cinzas**. Seu objetivo era lembrar à comunidade, a necessidade de um período de penitência²⁹. O significado das obras penitenciais segundo a visão da Igreja Cristã é descrita por Ramos-Regidor:

A aceitação das obras penitenciais dolorosas em reparação do pecado é *senal* e manifestação do *afastamento* do pecador de seu pecado e do pecado do mundo que ele, pecando, aceitou ou desencadeou e reforçou.

As obras penitenciais têm significado *medicinal*, porque tendem a reparar o dinamismo desagregador que o pecado produziu dentro da pessoa e em torno dela. Elas devem, pois, estar orientadas a subverter a mentalidade instaurada pelo pecado, a sacudir do imobilismo e da dificuldade que se experimenta em lutar contra os hábitos já adquiridos, a se manter vigilante para não aceitar passivamente o influxo e o condicionamento da situação do

²⁶BENTON, op. cit. volume 4 p.604

²⁷RAMOS-REGIDOR, Teologia do Sacramento da Penitência p.119 e 120

²⁸Missel Quotidien et Vespéral p.289

²⁹BENTON, op. cit. volume 4 p.604

pecado do mundo. Devem ser também orientadas a promover a luta pela libertação do pecado e das suas consequências pessoais, eclesiais e sociais, com a superação da mentalidade e posicionamento individualista, abstracionista, conformista.

Mas podem ainda ter significado *penal* não no sentido de penas impostas pelo exterior, por Deus, mas no sentido de aceitação do esforço necessário para superar as consequências, ou seja, a pena do pecado.³⁰

O significado da utilização das cinzas nos rituais de penitência ultrapassa o universo da Igreja Cristã e Judaica. Seu simbolismo, em diversas culturas, vem "do fato de ser, por excelência, um valor residual: aquilo que resta após a extinção do fogo e, portanto, antropocentricamente, o cadáver, resíduo do corpo que depois que nele se extinguiu o fogo da vida"³¹. Na Cerimônia Cristã da Imposição das Cinzas realizada na Quarta-Feira de Cinzas, o sacerdote celebrante deixava explícito esse simbolismo quando recitava o texto da Bíblia - Genesis (3,19): *Memento homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris* (Lembra-te homem, pois tu és pó e ao pó tornarás). O ritual anual da Quaresma iniciada pela Quarta-Feira de Cinzas tem como função trazer à consciência dos cristãos a precariedade da vida humana e a necessidade da preparação para uma vida espiritual.

4. Os cantos na estrutura do ritual da Missa de Quarta-Feira de Cinzas

Desde a Idade Média, a variedade e a complexidade da prática litúrgica exigia uma explicação sistemática de seus códigos:

Existia a necessidade de um registro escrito dos conteúdos e maneiras (formas) das regras litúrgicas, muito frequentemente e detalhes minuciosos. Era importante fazer isso na fundação eclesiástica medieval, porque a conduta do culto corporativo era compartilhado por toda a comunidade dos iniciantes aos avançados, das crianças aos idosos, freqüentemente chegando a reunir uma centena ou mais de homens e mulheres. Anotações do que deveria ser feito, tinham que ser mantidas (tanto das ações, do que foi dito ou cantado); quem deveria realizar; e quando e como deveria ser feito.³²

Estas codificações estão presentes em diversos livros que especificam os textos, a música e os rituais que deveriam ser utilizados na liturgia. Apel explica como essas informações estão organizados nestes livros da Igreja:

A divisão da liturgia entre o Ofício e a Missa é de importância fundamental na estrutura do canto, tanto que, desde os tempos mais antigos até o dia de hoje, duas categorias estão especificadas em diferentes livros. Os cantos da Missa estão contidos no *Gradual*

³⁰RAMOS-REGIDOR, op. cit. p. 335 e 336

³¹CHEVALIER, Dicionário de Símbolos p.247

³²HARPER, op. cit. p.13

(*Graduale*), e aqueles para o Ofício, no *Antiphonal* (*Antiphonale*). Também existem dois livros correspondentes contendo os textos litúrgicos completos, dos ítems musicais assim como das preces, leituras das Escrituras, Salmos, etc. Estes são o *Missal* (*Missale*) para a Missa, e o *Breviário* (*Breviarium*) para o Ofício. Esta organização em quatro livros tem grandes vantagens do ponto de vista prático, mas torna difícil ganhar uma compreensão clara da estrutura geral do dia litúrgico. Por esta razão o *Liber usualis* (livro para uso geral) foi publicado em 1896... Este volume combina os conteúdos principais dos quatro livros, trazendo os vários ítems em sua ordem própria, como eles ocorrem durante o dia e durante o ano.³³

As fontes utilizadas para este trabalho reúnem: um *Gradual* - o *Graduale Triplex*, organizado pelos monges de Solesmes e onde há a transcrição de cantos gregorianos a partir de três grupos de manuscritos medievais, editado em Paris/França em 1979; dois *Missais* - o *Missale Monasticum*, editado em Veneza/Itália em 1775 e o *Missel Quotidien et Vespéral* (bilíngue Latim/Francês) organizado por Don Gaspar Lefebvre, editado em Bruges/Bélgica em 1955; e um *Paroquial Romano* que corresponde ao *Liber usualis* - *Paroissien Romain*, editado em Paris/França em 1948. Nem todas as fontes apresentam os ítems completos do ritual, mas por outro lado, não existem ítems contraditórios. As fontes se complementam e reafirmam os pontos em comum.

A Missa é estruturada em dois grandes momentos: a **Liturgia da Palavra** e a **Liturgia Eucarística**. A **Liturgia da Palavra** deriva dos rituais judaicos, onde se realizam preces congregacionais e leituras das Escrituras³⁴. Apel explica que:

Normalmente a Missa tem duas leituras, uma das Epístolas e outra dos Evangelhos, mas nos dias feriais, fora do Tempo da Páscoa, a primeira leitura é do Velho Testamento. Originalmente existiam três leituras, mas esse esquema completo sobrevive apenas em poucas ocasiões: nas quarta-feiras das quatro Semanas de Brazas (distribuídas nas quatro estações do calendário litúrgico anual), na quarta-feira da Quarta Semana da Quaresma, e na Quarta-Feira e Sexta-Feira da Semana Santa.³⁵

A **Liturgia Eucarística** é o momento mais importante da Missa e está centrado na repetição do ritual da última ceia, onde Cristo referiu-se ao pão e ao vinho como sua carne e seu sangue a ser distribuído entre os fiéis, em sua memória. O texto principal utilizado chama-se Cântico da Missa e começa com as palavras: *Te igitur, clementissime Pater* (A vós, portanto, Pai

³³APEL, op. cit. p. 15

³⁴APEL, op. cit. p. 24

³⁵op. cit. p. 24 (Este texto refere-se ao Ritual Tridentino pois, após o Concílio do Vaticano no século XX, a Missa volta a ter 3 leituras: Antigo Testamento, Epístola e Evangelho)

clementíssimo), e culminando com as frases: *Hoc est enim corpus meus* (porque este é o Meu Corpo) e *Hic est enim calix sanguines mei, novi et aeterni testamenti: mysterium fidei: qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum* (porque este é o cálice do Meu Sangue, do novo e eterno testamento: o mistério da fé; o qual deverá ser derramado por vós e por muitos pela remissão dos pecados).

A **Missa de Quarta-Feira de Cinzas** contém ainda a **Cerimônia das Cinzas** que precede a Missa, marcando o início do período de penitência da Quaresma.

Todos os textos e cantos que formam a estrutura da Missa estão agrupados em duas categorias: o Ordinário e o Próprio. O Ordinário reúne os textos e cantos que estão presentes em todas as Missas do ano litúrgico, enquanto que o Próprio reúne os textos e cantos específicos de cada Missa. A **Missa de Quarta-Feira de Cinzas** possui algumas características importantes: a inclusão da **Cerimônia das Cinzas**, a ausência de cantos do Ordinário - **Gloria** e **Credo**, a presença do **Trato** (Tractus) e não do **Alleluia** nos cantos do Próprio, além das leituras e orações que reforçam o significado penitencial desta data.

Os cantos do Próprio são os mais antigos da Missa e os mais importantes do ponto de vista litúrgico. Estes cantos já estavam em uso geral em torno do século V, e já estabelecidos no tempo do Papa Gregório. Eles podem ser divididos em dois grupos funcionais, aqueles que ficam entre as Leituras, tendo um caráter contemplativo, e aqueles que acompanham algum tipo de ação da Missa. Na **Missa de Quarta-Feira de Cinzas**, os cantos das Leituras são o **Gradual** e o **Trato** (Tractus); e os cantos que acompanham as três ações da Missa propriamente dita são: a **Antífona de Entrada** (Introito), que acompanha a entrada do sacerdote, a **Antífona do Ofertório**, que acompanha a oferta do pão e do vinho, e a **Antífona da Comunhão** (Communio), que acompanha a distribuição do pão e do vinho entre os fiéis. A **Missa de Quarta-Feira de Cinzas** contém ainda duas antífonas para acompanhar as ações da **Cerimônia das Cinzas**³⁶: a **Antífona para a Bênção das Cinzas**, que acompanha a bênção das cinzas dos ramos queimados no Domingo de

³⁶APEL, op. cit. p. 31

Ramos do ano anterior e a **Antífona para a Imposição das Cinzas**, que acompanha a distribuição das cinzas sobre a cabeça dos fiéis.

Os cantos das Leituras, **Gradual** e **Trato** (Tractus), são conectados, principalmente, com períodos litúrgicos especiais, entre eles, o período da Quaresma³⁷. A origem de seus nomes e suas funções são explicados por Apel:

Em um tempo indeterminado tornou-se um costume cantar Salmos entre as três leituras. A primeira Leitura, do Velho Testamento, era seguido por um Salmo cantado responsorialmente e, mais tarde, chamado de *responsorium graduale* ou simplesmente Gradual (o termo *graduale* é comumente explicado pelo fato de ser cantado dos degraus (*gradus*) que levam ao altar. Gastoué (*Origines*, p.247) prefere pensar que o termo original, pelo menos na coleção de cantos da Missa, era *Gradale, Liber gradalis*, derivada do adjetivo *gradalis* significando "distintas", "mais belas"). Um outro salmo cantado inteiramente por solistas, era inserido entre a segunda e a terceira leitura, a Epístola e o Evangelho. Este é o *cantus tractus* ou Tractus (de acordo com Wagner I, 87, o termo é a tradução latina da palavra grega *hirmos* que na Liturgia Bizantina significa um modelo de melodia. Escritores medievais tardios [Durandus, século XIV] dão o significado de "lento", "extenso" [do Latim. trahere]. J. M. Tommasi [1649-1713; sua *Opera omnia*, contendo *Gregori Magni opera omnia* re-editado, em 1747-53, por A. F. Vezzosi], interpreta com significando *tractim*, "continuamente", i.e., sem interrupção por uma antífona ou responsório), o qual, no século V ou VI, foi largamente substituído pelo Alleluia. Quando, durante o século V, a leitura do Velho Testamento foi suprimida, ambos o Gradual e o Tractus (ou o Alleluia) foram colocados, em sucessão imediata, entre a Epístola e o Evangelho.³⁸

Ainda sobre a utilização desses cantos no período específico que precede a Páscoa, Apel explica:

Na estação antes da Páscoa o Alleluia é omitido (ou, para se expressar corretamente do ponto de vista histórico, nunca foi introduzido), de acordo com a característica sombria do período que se dirigem para os "dias mais escuros" do ano litúrgico, Sexta-Feira da Paixão e Sábado Santo. Nos Domingos, Segundas-feiras, Quartas-Feiras, e Sextas-Feiras (*Dominica, Feria II, IV, VI*) deste período que é, desde o Septuagésimo Domingo até a Quarta-Feira da Semana Santa, ela é substituída pelo Tractus, mas não nos outros dias da semana (*Feria III, V, Sabato*), nos quais fica apenas um canto da Leitura, o Gradual.³⁹

Os cantos dos Salmos para acompanhar as ações da Missa, também foram introduzidos ao longo da formação da Liturgia Cristã. A **Antífona de Entrada** era realizada durante a extensa procissão nas basílicas Romanas⁴⁰. A **Antífona do Ofertório**⁴¹ e a **Antífona da Comunhão**⁴²

³⁷APEL, op. cit. p. 28

³⁸op. cit. p. 24 e 25

³⁹ op. cit. p.28

⁴⁰HARPER, op. cit. p. 115

⁴¹APEL, op. cit. p. 363

⁴²APEL, op. cit. p. 41

tem suas menções mais antigas em Santo Agostinho que relata o costume, recém iniciado em Cartagena de cantar hinos do Livro dos Salmos durante as ações da Missa.

Durante o ano litúrgico, o canto dos Salmos nas **Antífonas de Entrada, Ofertório e Comunhão**, seguem uma ordem praticamente fixa, onde o seu conteúdo reforça o significado dos Períodos e das Festas. A utilização do Salmo nº1 para a **Antífona da Comunhão na Missa de Quarta-Feira de Cinzas** faz parte de uma organização distinta, presente no período da Quaresma:

Um caso especial de grande interesse é o das Comunios [Antífonas da Comunhão] dos dias de semana da Quaresma, da Quarta-Feira de Cinzas ao Domingo de Ramos. Nós vimos que as séries de festas durante este período de cinco semanas e meia, originalmente, não incluía Quintas-Feiras nem Sábados depois da Quarta-Feira de Cinzas e antes do Domingo de Ramos. Se nós despresarmos estes adendos tardios (assim com também os Domingos que ficam fora das séries), e considerar as Comunios das vinte e seis Missas restantes, surge um fato muito interessante: seus textos são tirados em ordem numérica dos primeiros vinte e seis Salmos. Estas Comunios trazem o mais impressionante exemplo de organização unificada em todo o repertório da Missa. É perfeitamente óbvio que foram introduzidos simultaneamente, talvez sob o Papa Gregório"...Atualmente, a série original das vinte e seis Comunios tiradas dos Salmos 1 a 26 não permaneceu totalmente imutável.⁴³

É importante dizer ainda que desde cedo era adicionado ao canto de diversos Salmos, a Doxologia (palavra de oração) como um verso final: *Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto. Sicut erat in principio et nunc et semper, et in saecula saeculorum. Amen* (Gloria ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. Assim como era no princípio, agora e sempre, por séculos e séculos. Amém)⁴⁴. Sua função era, segundo o Irmão Felix Ferrá do Mosteiro São Bento do Rio de Janeiro, diferenciar o ritual Cristão do ritual Judaico, já que este também fazia uso do canto dos Salmos (pertencentes ao antigo testamento).

Os cinco cantos do Ordinário da Missa: **Kyrie, Gloria, Credo, Sanctus** e **Agnus Dei** são baseados em textos não salmódicos. Sua introdução no ritual Romano da Missa é descrita por Apel:

O *Kyrie, Gloria, e Sanctus* eram conhecidos desde os séculos mais antigos da era Cristã, mas eram usados mais no Ofício do que na Missa. A introdução do *Gloria* na Missa Romana é descrita pelo Papa Símaco (498-514); o do *Kyrie*, pelo Papa Gregório I; enquanto que o *Sanctus*, é dito ter sido instituído pelo Papa Sisto I (c.120). O *Agnus*

⁴³op. cit. p. 63

⁴⁴ op. cit. p. 182

Dei se tornou parte da Missa sob o Papa grego Sérgio I (687-701); o *Credo*, apesar de ter sido usado em um tempo muito anterior nos ritos Mozarabico, Ambrosiano, e Gallicano, não foi introduzido definitivamente na Missa Romana até o século XI, sob o Papa Benedito VIII (1012-24).⁴⁵

A **Missa de Quarta-Feira de Cinzas** não contém dois cantos do Ordinário (como ocorre também nas Missas em Dias de Súplica e na Missa para Finados): o **Gloria**, que é omitido tanto no Advento quanto na Quaresma (excetuando-se a Quinta-Feira Santa e o Sábado Santo) e o **Credo**, que é omitido também em algumas outras Missas: Mártires, Virgens e Mulheres Santas.⁴⁶

Permanecem três cantos do Ordinário na **Missa de Quarta-Feira de Cinzas**: O **Kyrie**, que vem em seguida à **Antífona de Entrada**; o **Sanctus** que faz parte da conclusão do Prefácio e o **Agnus Dei** que vem logo após o Pater Noster.

O **Kyrie** é um texto em grego que foi utilizado, a princípio, nas Litanias das Vésperas, como resposta realizada inúmeras vezes por um grupo de crianças ou pela comunidade, às diversas súplicas cantadas pelos cléricos. No tempo do Papa Gregório I, o **Kyrie** passa a ser realizado também nos dias ordinários, mas omitindo-se as súplicas solenes. No final do século VIII existem prescrições da Igreja Romana indicando a realização do **Kyrie** pelo *schola* (coro profissional), após a **Antífona de Entrada**⁴⁷, e a prescrição formal que tornou-se definitiva: 3 vezes *Kyrie eleison*, 3 vezes *Christe eleison* e mais 3 vezes *Kyrie eleison*. O significado do texto é descrito por Cullen:

A palavra *Kyrie* é uma transliteração de uma palavra grega, usada na versão grega do Antigo Testamento para traduzir Iahweh, o nome de Deus. Entre todos os títulos atribuídos ao Cristo, o título *Kyrie*, ou Senhor, foi o favorito de São Paulo. Portanto os três pedidos dirigiram-se a Cristo. A tripla repetição é uma homenagem à Santíssima Trindade.⁴⁸

O **Sanctus** é um dos textos mais antigos da Missa e o único canto do Ordinário retirado do Antigo Testamento. Está presente também no ritual judaico em sua repetição tríplice, mas na língua original: *kadosh, kadosh, kadosh*. " Desde muito cedo tornou-se um costume seguir o

⁴⁵APEL, op. cit. p. 26 e 27

⁴⁶op. cit. p.31

⁴⁷op. cit. p.408

⁴⁸CULLEN, Música Sacra p.23

Sanctus com o *Benedictus qui venit* ⁴⁹ resultando em duas seções, cantadas juntas antes da consagração. A primeira seção: *Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus Sabaoth. Pleni sunt caeli et terra gloria tua* (Santo, Senhor, Deus dos exércitos os céus e a terra estão cheios da Vossa glória) é extraída de uma visão que Isaías teve dos anjos louvando o Senhor (Is. 6, 3). A segunda seção: *Benedictus qui venit in nomine Domini. Hosana in excelsis* (Bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nas alturas), vem do Evangelho segundo São Mateus e refere-se ao povo aclamando Cristo, na sua entrada em Jerusalém no Domingo de Ramos (Mt. 21, 9)⁵⁰. Na versão da Igreja Romana, o texto *Hosana in excelsis* também é incluído no final da primeira seção.⁵¹ Posteriormente, com o desenvolvimento da polifonia estas duas seções são separadas, onde o **Benedicuts** passa a ser cantado após a consagração.⁵²

O **Agnus Dei** é o último canto do Ordinário da Missa. Seu texto deriva da frase dita por São João Batista ao Cristo: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo"(Jo. 1, 29). Apela afirma que:

em diversos aspectos o *Agnus Dei* é similar ao *Kyrie*. Ambos foram utilizados nas Igrejas Orientais muito antes de aparecerem em Roma: ambos faziam parte da litania, o *Kyrie* como sua abertura e o *Agnus Dei* como sua conclusão; e ambos sobreviveram nesta função arcaica nas litânicas do Sábado Santo, Dias de Súplica e outros modelados a partir destes.⁵³

A princípio, o **Agnus Dei** era cantado por toda a congregação e clero, durante a cerimônia de quebrar o pão. A partir do século VIII existem indicações que este canto passa a ser realizado pelo coro profissional, *schola*.

Em seguida apresentaremos um plano geral da Missa de Quarta-Feira de Cinzas acompanhada da versão completa de seus cantos, leituras e orações. Este plano corresponde ao modelo estabelecido no Concílio de Trento no século XVI (1545-63) e ainda em vigor em Minas Gerais, no século XVIII. É importante lembrar que no século XX, várias transformações foram

⁴⁹HARPER, op. cit. p.119

⁵⁰CULLEN, op. cit. p. 33

⁵¹APEL, op. cit. p. 415

⁵²CULLEN, op. cit p.33 e Parrossien Romain p. xxxij

⁵³APEL, op. cit. p. 418

introduzidas na liturgia a partir do decreto *Mediator Dei* (1947) do Papa Pio XII e reafirmadas pelo Concílio do Vaticano (1962-65).

O texto em Latim, originalmente, não possui acentos gráficos. No entanto, esta transcrição realizada a partir de todos os missais consultados (inclusive o já citado *Missale Monasticum*, editado em Veneza / Itália em 1775) inclui acentos. Este acréscimo tem como objetivo induzir os leitores não latinistas a uma acentuação correta do idioma. Ainda sobre a pronúncia do Latim, é importante informar que adotamos para a performance da **Missa de Quarta-Feira de Cinzas** de Emerico Lobo de Mesquita, a pronúncia romana (promulgada pelo Pontífice Pio X no século XIX⁵⁴). Esta pronúncia romana caracteriza-se, basicamente, pela utilização da fonética da língua italiana para o Latim. Acreditamos que a forte influência exercida pela igreja Romana em Portugal, tanto no aspecto litúrgico quanto musical, deve ter se refletido também neste aspecto da música colonial mineira.

Seguindo uma prática da época, Emerico Lobo de Mesquita selecionou alguns dos textos propostos na versão geral do Concílio de Trento, para a sua **Missa a 4 vozes para Quarta-Feira de Cinzas com violoncelo obbligato e órgão**. Os textos musicados pelo compositor estão destacados por uma moldura, tanto na apresentação do plano geral da Missa, como na transcrição integral dos textos:

⁵⁴CULLEN, op. cit. p.171

Ritual da Missa de Quarta-Feira de Cinzas

CANTOS PRÓPRIO	ORDINÁRIO	RECITADOS PRÓPRIO	ORDINÁRIO
1. CERIMONIAL DAS CINZAS			
1.1 Antífona para a Bênção das Cinzas			
		1.2 Orações	
1.3 Antífona para a Imposição das Cinzas			
		1.4 Genesis	
		1.5 Orações	
2. MISSA			
<i>Liturgia da Palavra</i>			
2.1 Antífona de Entrada			
	2.2 Kyrie		
		2.3 Coleta	
		2.4 Leitura	
2.5 Gradual			
2.6 Trato			
		2.7 Evangelho	
<i>Liturgia Eucarística</i>			
2.8 Antífona do Ofertório			
		2.9 Preces do Ofertório	
		2.10 Secreta	
		2.11 Prefácio	
	2.12 Sanctus		
		2.13 Cântone	
		2.14 Pater Noster	
	2.15 Agnus Dei		
2.16 Antífona da Comunhão			
		2.17 Pós-comunhão	